

***“Festa boa para cachorro”:
Relações entre humanos e não-humanos no ambiente urbano***

Samantha da Silva Brasil
(doutoranda do PPGSA/IFCS/UFRJ)

Comunicação aceita pelo Grupo de Trabalho
“A composição do social: coletando humanos
e não-humanos” da 26ª Reunião Brasileira
de Antropologia – junho de 2006.

No começo do Gênesis está escrito que Deus criou o homem para reinar sobre os pássaros, os peixes e os animais. É claro, o Gênesis foi escrito por um homem, e não por um cavalo. Nada nos garante que Deus desejasse realmente que o homem reinasse sobre as outras criaturas. É mais provável que o homem tenha inventado Deus para santificar o poder que usurpou da vaca e do cavalo.

Milan Kundera

Esse trabalho é fruto de um olhar inicial da pesquisa de doutorado, a partir da observação de dois momentos rituais urbanos bastante interessantes para a análise do que me proponho a investigar: o primeiro foi uma festa para homenagear o aniversário de um ano de uma cadela; e o outro foi uma cerimônia religiosa católica de “benção aos animais” para comemorar o dia destinado a eles. As inquietações surgidas a partir da observação desses dois eventos sociais estão inseridas em uma agenda de pesquisa que se iniciou no mestrado, onde procurei desenvolver a questão das relações de afetividade nas grandes cidades através de um mediador não humano: o animal de estimação. No decorrer do curso ministrado por Clara Mafra sobre “agência, processo e representação social”, novas questões vieram à tona, e são essas que tentarei expor e explorar a seguir.

Os motivos pelo qual o cão (ou qualquer outro animal de estimação) é introduzido no convívio de uma família pode ser diverso. De acordo com o informado por meus interlocutores alguns deles poderiam ser: tentar conferir alguns valores morais através da relação com um ser vivo tais como respeito ao outro, noções de responsabilidade a uma criança que não tenha irmãos ou cujos pais são muito ausentes. A razão poderia, ainda, ser terapêutica, quando se indica um cão a pessoas com características de depressão ou hiperatividade, esperando que o contato com o animal possa reabilitar o indivíduo para o melhor convívio em sociedade. E existem ainda os cães que fazem o papel de guias na conduta de pessoas com deficiência visual.

Através do contato com pessoas que têm cães como animais de estimação – amigos, vizinhos, familiares, criadores ou freqüentadores de lojas específicas para animais – comecei a perceber que grande parte delas via seu cão como “membro da

família”¹. O mais interessante é que, não importando a idade do animal, mesmo que ele já tivesse atingido uma idade, considerada pelos especialistas em animais, de maturidade, ou seja a fase adulta, os proprietários de cães com que tenho contato tratam seus animais como se fossem “crianças”. Observei isso ao vê-los “conversando” com seus cães de modo adocicado como se estivessem lidando com bebês humanos. Os cães, assim como os bebês, são vistos como seres que se comunicam somente através de sinais ou gestos que são interpretados a partir das nossas classificações em virtude de sensações ou emoções, sem que uma linguagem articulada e estruturada seja necessária para que haja comunicação. Observei que estas pessoas percebem seus cães em um nível equivalente ao da fase inicial da vida humana quando os tratam como se fossem membros da família.

Como mostra Mary Del Priori², em seu livro sobre o cotidiano, nossa sociedade está, cada vez mais, conferindo lugar especial aos animais domésticos. Uma das minhas hipóteses de trabalho é a de que a relação que as pessoas nutrem por seus animais tem um viés mediado pela emoção. Em um trecho do livro *Histórias do Cotidiano* a autora diz que "muitas vezes ter cachorro ou gato pode, também, funcionar como derivativo para a solidão e a insegurança. A necessidade de autoridade, de dominação, de apropriação, bem como a angústia, a agressividade, a riqueza de uma vida excessivamente interiorizada ou a timidez e dificuldade de comunicação, as frustrações afetivas ou sexuais de um casal desunido, separado ou sem crianças, a velhice, o narcisismo, mas também as tensões sociais e profissionais, todas essas motivações geradoras de desequilíbrio podem levar à aquisição de um cachorro, responsabilizado em alguns casos por comportamentos anti-sociais." (Priori, 2001: 55)

Os cães domésticos são animais que compartilham e compreendem uma série de comandos verbais e atitudes corporais formando uma linguagem, ou um meio de comunicação própria de homens e cães. Em virtude dessa comunicação especial que é intermediada pelos sentimentos (seja do homem ou do cão) estão surgindo técnicas de adestramento voltadas para atitudes que visam esperar uma reação intencional do cão e não simplesmente a resposta a um estímulo. Estas modernas técnicas de "educação" canina visam “preparar” o cão para viver em sociedade, com todas as regras básicas de

¹ Categoria nativa usada constantemente pelos membros deste universo que percebem o animal de estimação como uma pessoa, entendendo-se pessoa como um grande amigo, filho ou companheiro de vida.

² DEL PRIORI, Mary. *Histórias do Cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001.

conduta que se acredita que esse animal deva ter durante um passeio, por exemplo, ou com a chegada de uma visita, e não mais simplesmente obedecer a comandos como se fosse um simples robô. A interação é a mola propulsora da relação entre homens e cães, onde nesse novo cenário eles são dotados de uma agência que os fazem cheios de intencionalidade. Não é por acaso que atualmente existem novos ramos de trabalho especializados no tratamento dos cães como os psicólogos para cães, os passeadores e as babás que podem trabalhar na própria casa em que vive o animal ou em creches em que eles passam o dia.

De alguma forma poderíamos dizer que estamos presenciando um “retorno” às lógicas totêmicas de classificação da vida social por parte desse grupo que diz "viver em função de um animal" e organiza sua rotina diária de modo que o animal possa estar sempre presente, participando das atividades mais comuns do modo de vida cosmopolita. Portanto, se pensarmos o animal de estimação sob a lógica das classificações totêmicas proposta por Lévi-Strauss³, ou seja, sob a lógica do sensível, do concreto, podemos perceber que a função de um operador totêmico é nomear, representar. É através do cão, então, que as pessoas pesquisadas se humanizam, por integrar uma rede de relações composta das esferas da natureza e da cultura e compartilhada pelo sistema de classificação da nossa sociedade.

Olhando por essa perspectiva, acredito que a relação entre humanos e não-humanos e, nesse caso específico, entre homens e cães coloca nossa sociedade não muito distante daquela estudada por Marilyn Strathern⁴. Como ela mesma diz, afirmando que embora *O Gênero da Dádiva* tenha sido escrito sobre a melanésia, acerca de temas referentes à concepção da mulher nessa sociedade e à circulação de coisas/pessoas, ou seja, relações categorizadas como dádivas (coisas produzidas pela troca), na realidade acaba por ser um esforço comparativo entre essa sociedade que ela chama de “eles” e a sociedade ocidental, denominada “nós”. Na melanésia, um indivíduo só se constitui enquanto indivíduo se fizer parte de uma *socialidade* que lhe permite estabelecer uma rede de relações, e nesse sentido as “performances” rituais são fundamentais para compreender esse sistema onde o agente, a pessoa que age, é construído como um pivô de relações, relações essas que são objetificadas na pessoa que é o próprio conjunto de relações que a constitui como um ser múltiplo, e portanto, a

³ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Totemismo Hoje*. Petrópolis: Vozes, 1975.

⁴ STRATHERN, MARILYN. *O Gênero da Dádiva*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2006.

causa de todo o agir. Entre os melanésios alguém age sempre em função de outrem e isso não deve ser visto como o poder superior de um em relação ao outro. Um é sempre a causa da ação de outro e vice-versa, depende da perspectiva. Entre aqueles que percebem os cães como pessoas isso não ocorre de forma tão diferente. É justamente nessa relação, tão peculiar entre humano e não-humano que o cão se torna pessoa, e aqui qualifico pessoa como um ente dotado de agência e que encarna um papel social dentro de um conjunto de representações. Não estou querendo afirmar nesse trabalho que somente agora (a partir do século XX) os animais são percebidos e tratados como pessoas. Existem muitas provas documentais (pinturas, figuras rupestres, objetos arqueológicos, dentre outros) que comprovam que há milhares de anos e nas mais diferentes culturas, os animais tiveram espaço tão ou mais privilegiados do que determinadas classes de seres humanos. O que chamo atenção com minha pesquisa é esta relação e importância que o cão (especialmente) vem assumindo dentro de uma sociedade capitalista, urbana, pós-industrial como um fenômeno sócio-cultural relevante para compreendermos como nós mesmos nos percebemos nos relacionamos enquanto seres formadores de um conjunto maior que é a Natureza.

* * *

O que me proponho a estudar, portanto, são as categorias de pensamento que regem a lógica moderna de tratar os animais como pessoas. Afinal, a noção de pessoa é particular em cada época da história humana e em cada sociedade. Cabe lembrar que até bem pouco tempo, os negros (ou melhor os escravos) não eram considerados como pessoas na sociedade brasileira e, muitas vezes, se situavam em patamares até mesmo inferiores aos dos animais domésticos. Como mostra Mauss⁵, em seu ensaio sobre a categoria do espírito humano, a “noção de eu” é bastante recente e varia conforme “o direito, a religião, os costumes, as estruturas sociais e as mentalidades dos homens.” (Mauss, 1974: 211) O autor afirma que a primeira noção de pessoa surge na civilização romana e se caracteriza pela classificação dos indivíduos através de nomes, prenomes e sobrenomes que seriam determinados pela situação familiar, pela classe social e pelo nascimento. A partir desta idéia, é possível perceber um fenômeno bastante interessante ligado ao modo como se tratam os animais de estimação na sociedade ocidental

⁵ MAUSS, Marcel. "Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção de eu". In.: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, (1974).

moderna. Os animais também possuem nome e sobrenome e muitas vezes apelidos pelos quais são chamados, conferindo-lhes o atributo de pertença a uma determinada família.

Uma atitude frente aos animais conferida geralmente aos ameríndios também pode ser encontrada nos centros urbanos brasileiros, de forma bastante semelhante, como a mostrada até mesmo por Gilberto Freyre em *Casa-grande & Senzala*⁶: “Havia entre os ameríndios desta parte do continente, como entre os povos primitivos em geral, certa fraternidade entre o homem e o animal, certo lirismo mesmo nas relações entre os dois. Karsten encontrou entre os Jibaro o mito de ter havido época em que os animais falaram e agiram do mesmo modo que os homens. E ainda hoje – acrescenta – ‘o índio não faz distinção definida entre o homem e o animal. Acredita que todos os animais possuem alma, em essência da mesma qualidade que a do ser humano; que intelectual e moralmente seu nível seja o mesmo que o do homem’”. (Freyre, 2001: 170) Em direção semelhante porém oposta ao modo de percepção dos Jurunas para com a natureza, Tânia Stolze Lima⁷ nos mostra que: “para os animais, os espíritos e os humanos, ser dotado de alma, significa ter consciência de si e de outrem, pensar, ser um sujeito. Quem pensa ou vive procede como os humanos: os animais têm nesse sentido, consciência de sua própria humanidade, agem de acordo com isso e consideram os humanos propriamente ditos como seus semelhantes; as almas dos mortos, por sua vez, se pensam como vivos.” (Lima, 99: 45) Recentemente a atriz Suzana Vieira conhecida por tratar seus cães como gente disse a um jornalista ao comentar sobre um acidente que levou à morte um de seus animais a seguinte frase: “Cachorro é um ser humano que une as pessoas”⁸. Qualquer semelhança do pensamento ameríndio com o “nosso” é mera coincidência? Acredito que não, e relatos como esse de experiências como a da atriz com os animais de estimação mudam completamente a perspectiva sobre o que seria humanidade e animalidade na cultura ocidental moderna e se realmente essas duas categorias podem ser pensadas separadamente e em oposição na nossa sociedade. Esse tema é bom para pensarmos mais uma vez a suposta dicotomia natureza e cultura que se altera de forma intermitente ao longo dos tempos na tradição antropológica.

⁶ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

⁷ LIMA, Tânia Stolze. “Para uma teoria etnográfica da distinção entre natureza e cultura na cosmolgia Juruna”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 14 nº 40, junho/99.

⁸ Retirado do site da Folha de S. Paulo www.folha.uol.com.br

Algumas amostras de como as pessoas percebem seus animais de estimação está no livro *Nós e nossos cães*⁹, onde cinquenta pessoas (entre personalidades famosas ou não) contam suas experiências com seus cães de estimação. Eis algumas delas:

Se os cães modificam a vida da gente? Como modificam! Mudam porque ensinam de graça, sem cobrança e com aquele amor que só eles têm, o quanto o ser humano pode ainda ser melhor, mais generoso, tolerante, fiel e atento ao seu próximo. E são leais. Cachorro não trai, não é ingrato, come o que lhe é dado e é companheiro até do mendigo que dorme na rua. Se Deus tivesse criado os homens à semelhança dos cães, não tenho dúvida de que a humanidade seria 100% melhor.

Anna Ramalho, jornalista (p.90)

Com Zoca percebi que a afetividade que o cachorro tem pelas pessoas melhora a qualidade de vida delas, porque o cão não é um bicho isolado, ele interage o tempo todo conosco. Precisa de carinho, de afago, porém ao mesmo tempo há uma troca de amor. Zoca se senta a meu lado, está sempre pronto para brincar ou então se abre todo para que eu coce sua barriga. Isso é um tipo de carinho que não se costuma encontrar: sem querer nada em troca. É puro amor e companheirismo. Então acredito que o cachorro é um santo remédio para idosos, crianças, pessoas doentes ou solitárias.

Ricardo Linhares, autor de novelas (p.81)

Sou católica, mas acredito muito na espiritualidade. Conversei com outras pessoas a respeito de Bulgari e todas disseram que ele teria uma espécie de mediunidade, comum a alguns bichos. E, graças a essa mediunidade que não posso comprovar se é verdadeira ou não, já escapei de ciladas e assaltos e ainda salvei muita gente. Bubu é meu anjo da guarda, meu protetor, minha vida. Moro sozinha e com ele divido tristezas, angústias e também alegrias. Ele é um filhão grandão, lindo, às vezes meio criança, que amo mais do que qualquer outra coisa em minha vida. Não me vejo sem ele. Bubu é forever.

Flávia Monteiro, atriz (p.76-7)

Duni dorme ao meu lado, no chão do quarto, e é minha companheira nas viagens – adora Campos de Jordão e Búzios. Sempre levamos na bagagem seus lacinhos (tenho um kit com diversas cores), colares (um de pérolas e outro de

⁹ HYGINO, Cacau. *Nós e nossos cães*. São Paulo: Globo, 2007.

cristal), vestidinhos de crochê e de inverno. Ela é muito vaidosa e está sempre cheirosa, pois toma banho toda semana.

O mais curioso é que, sempre que eu adoço, Duni aparece com um problema parecido ou até mesmo igual ao meu. Nos anos 1990, passei por uma cirurgia para a retirada de nódulos nos seios. Um mês depois, Duni se submeteu ao mesmo tipo de operação para extrair nódulos das tetas. Alguns anos mais tarde, passei por outra cirurgia, para retirar o útero e as mamas, as reconstituindo com retalho de tecido e gordura. Dois meses se passaram e Duni enfrentou mais uma cirurgia, em que foram tirados 32 caroços e ela perdeu três tetas e o útero.

Dê Toledo, assessora de imprensa (p.72)

No final do ano de 2001, terminou o ciclo de dez anos dedicados a meu casamento. Ficou a mais bela herança, meu filho Vitor. (...) Com tantas viagens, a melhor opção naquele momento era deixar Vitor morar na casa do pai. (...) Separar-me dele foi mais doloroso do que a separação conjugal – tive uma imensa sensação de perda. Com tudo isso acontecendo, fui ao fundo do poço da tristeza e me apeguei ainda mais a Baby, que passou a ser minha grande companheira de todos os dias. Ela dormia agarrada a mim, ia aos treinos no Flamengo, clube em que eu jogava, ao salão de beleza, ao cinema (eu a colocava dentro de uma bolsa imensa, já que ela é bem pequena, e só a tirava de lá quando o filme estivesse começando), a festas, viagens, muitas viagens! Baby rodou o mundo comigo. Até à China ela foi!

Baby parecia entender aquele momento da minha vida. Durante um bom período, quase todos os dias eu caía em prantos e, quando isso acontecia, ela ficava uivando, choramingando! Era algo simplesmente inacreditável e surpreendente, uma cachorrinha com tanto sentimento, triste por eu estar triste. Ela se tornou uma filha para mim.

Virna, jogadora de vôlei (p.16)

* * *

Mas nem sempre a atitude com os animais foi assim. Keith Thomas¹⁰, um historiador inglês, mostra que na Inglaterra do princípio da era moderna o valor oficialmente atribuído aos animais era negativo, ajudando a definir, por contraste, o que

¹⁰ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

supostamente distinguia e exaltava a espécie humana. Muitas vezes, crianças, mulheres, pobres, marginais e escravos eram comparados a animais devido à inferioridade com que eram percebidos na sociedade. Com o desenvolvimento da história natural e os estudos científicos sobre os animais essa concepção começou a mudar. As primeiras classificações em que os animais começaram a ser enquadrados eram aos pares: comestíveis e não comestíveis; ferozes e mansos; úteis e inúteis. A partir de então, apareceu uma nova classificação que fazia distinção entre os animais selvagens e os domesticados.

Os séculos XVII e XVIII presenciaram uma ruptura fundamental no modo como a natureza era concebida pelos homens da Ciência. Ao invés de perceberem a natureza em termos basicamente de suas analogias e semelhanças com o homem, os naturalistas começaram a tentar estudá-la em si própria. Com o surgimento da ecologia e de todos os movimentos que visavam proteger a natureza dos abusos cometidos pelos humanos, os animais começaram a receber atributos morais que permeiam nossa relação com eles até os dias de hoje. Por conseguinte, começaram a compartilhar de muitas esferas da vida social nas cidades e não mais exclusivamente no meio rural. A consequência dessa atitude gerou a categoria fonte principal desta pesquisa que é a dos animais de estimação.

As relações de afetividade que ocorrem entre homens e cães encontram-se entrelaçadas a reflexos da modernização das cidades e da individualização cada vez maior na cultura da sociedade ocidental. Nutrir relações de afetividade e laços de parentesco com animais não é uma regra nas grandes cidades contemporâneas, mas é um fenômeno que merece ser analisado, pois está se alastrando cada vez mais nos espaços em que o primordial era a relação entre as pessoas, como é o caso de espaços como shoppings, supermercados, restaurantes, hotéis, padarias, salões de beleza etc. Porém se atentarmos para o fato de que os humanos cada vez mais percebem seus cães de estimação como "gente", não é de se estranhar que esse fenômeno seja mais comum do que parece. É interessante notar também que, ao adquirir um cão como animal de estimação, grande parte destas pessoas se torna ativista em favor de que todos tenham um cão como animal de estimação, pois "só quando a gente tem um cão é possível perceber o que é amor verdadeiro" (discurso nativo). Este é um discurso presente na fala de grande parte dos proprietários que vê no cão a "fonte mais sincera de amor" e afetividade e não conseguem compreender como é possível viver sem um. Para eles, ter um cão é como um dogma religioso ou uma profissão de fé, tamanha a devoção e

disponibilidade que têm com o animal e tentam convencer todos que os cercam que é impossível viver sem eles. Se olharmos mais de perto a história de vida de algumas dessas pessoas podemos perceber que muitas mudanças ocorreram devido a entrada desse novo membro na família. Algumas mudanças se deram por conta dos cuidados diários com o animal, outras ocorreram na esfera relacional das pessoas entre si e ainda, ocorreram mudanças no modo como as pessoas percebem o mundo.

O que mais chama atenção é o “poder” que um animal pode ter dentro de um sistema cultural, circulando nas mais variadas esferas da vida social. Quando me refiro ao poder que esse animal possui remeto à noção de símbolo e mediador das relações sociais que alguns objetos podem ter no convívio social. Como destaca Everardo Rocha¹¹, ao analisar a função da propaganda nas sociedades modernas ocidentais, esta teria como principal objetivo humanizar objetos de consumo conferindo-os vida ao “nomeá-los, identificá-los e climatizá-los” (Rocha, 1995: 108). Com o cão acontece algo semelhante. Ao colocá-los no interior de nossas residências, individualizá-los com nomes próprios, nomes que são comumente atribuídos a pessoas, reservar um espaço destinado à “casinha do cachorro” onde ele possuirá cama própria, casas (de plástico, alvenaria ou madeira), além de utensílios como pratos, acessórios de vestuário, brinquedos e petiscos, está se “humanizando” um animal que embora pertença ao domínio doméstico, no século XX atinge uma posição mais próxima ao homem, servindo especialmente como um “bem” de companhia, ou melhor dizendo uma pessoa que acompanha. Da mesma forma que o homem humaniza o cão, é freqüente o discurso de que o cão também humaniza o homem, na medida em que o coloca em contato com um sistema de relações de dependência na qual o animal se torna um ser completamente dependente da conduta de seu dono e vice-versa. Alguns valores da esfera moral referente a uma conduta de vida cidadã como o cuidado com o próximo, com a natureza e com a auto-estima são estimulados quando se possui um cão de companhia.

Assim como nos mostra Alfred Gell¹² devemos ver que os objetos – e nesse caso incluo os cães, porque hora eles se comportam como pessoas, hora eles se comportam como bens de consumo, ou seja, são elementos ambíguos e por isso importantes de serem analisados simbolicamente – e os seus variados usos nos ensinam sobre as interações humanas e a projeção da sua socialidade sobre o mundo envolvente.

¹¹ ROCHA, Everardo. *Magia e Capitalismo: um estudo antropológico de publicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

¹² GELL, Alfred. *Art and Agency – An Anthropological Theory*. Oxford: Claredon Press, 1998.

Seguindo a pista deste autor, os cães podem ser percebidos, portanto, como extensões de seus donos, e com isso, desenvolvem um papel crucial na interação social. Outro ponto de conexão é o apontado por Bruno Latour¹³ com sua teoria do “ator-rede” onde ele critica a questão da hierarquia nas relações. Deste modo, animais, coisas e pessoas seriam “actantes” sem termos que atribuir graus de importância na interação. Para Latour, os fluxos, alianças sociais, ou seja, as redes remetem não mais à idéia de entidades fixas, mas sim de movimentos compostos de séries heterogêneas de elementos, animados e inanimados conectados, isto é, agenciados, promovendo uma equivalência entre todos os “actantes”.

A característica individualista marcante da nossa sociedade, onde o isolamento e a solidão são fenômenos sociais muito presentes, acaba sendo de alguma forma minimizada com a presença de um animal. É necessária a interação homem-animal para que esta convivência ocorra e a partir desta relação acabam surgindo relações interpessoais (entre os humanos) devido ao interesse comum relacionado aos animais. Este tipo de relação ocorre normalmente em lojas especializadas em artigos para animais (*Pet Shops*), em consultórios veterinários ou em passeios pelas ruas da cidade. Hoje, já existem locais de recreação para cães. Na Lagoa Rodrigo de Freitas, existe um espaço denominado “Parcão” que foi criado em 2005 numa parceria da Prefeitura do Rio de Janeiro com Marco Antônio Sarnelli que em 2003 havia inaugurado o seu “Clube do Totó” em Vargem Grande. Sarnelli é conhecido pelos frequentadores do parque como “Totó”, personagem criado para animar as brincadeiras entre as pessoas e seus cães. Todos os fins de semana ocorrem eventos festivos nesse espaço, como encontro de cães de uma determinada raça, festas temáticas (seguindo o mesmo calendário das festas humanas) tais como: festa junina, dia das bruxas, carnaval, etc. Em todos esses eventos, os participantes de fato são os animais, que devem ir fantasiados de acordo com a data comemorativa. No mês de agosto ocorreu o *Pet Pan*, que foi uma tentativa de realizar competições entre os cães a fim de acompanhar o evento esportivo que havia acabado de ocorrer na cidade: os jogos Pan-americanos.

* * *

¹³ LATOUR, Bruno & WOOLGAR, Steve. *A Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

Uma das hipóteses desta pesquisa é a de que o advento do mundo industrial e toda a sua tecnologia – principalmente as que levam em conta os meios de comunicação – ao mesmo tempo em que coloca as pessoas cada vez mais “perto” umas das outras, proporciona a sensação de isolamento do mundo concreto que as circunda. Não é preciso sair de casa para ter um encontro amoroso com o amigo do seu melhor amigo, assistir ao filme que estréia hoje no cinema ou participar de fóruns e bate-papos de discussão sobre assuntos de sua preferência. Basta ter um computador conectado à Internet (rede mundial de computadores). Ao mesmo tempo em que o universo proporcionado pelo computador fascina grande parte das pessoas nas sociedades modernas, pode isolá-las do contato com pessoas de carne e osso, ou seja, relações sociais sem o intermédio de uma máquina.

Acredito ser também devido à carência de relações afetivas concretas, que cada vez mais pessoas tornem-se interessadas em adquirir um animal de estimação. A preferência pelos cães nesse quesito se afirma por uma crença coletiva de que estes são seres mais afetuosos, leais e educáveis. Convém deixar claro que essa hipótese se insere num longo processo histórico de mudança e transformação dos costumes humanos com relação aos animais como demonstrado por Keith Thomas.

O artigo de Érika Souza Vieira¹⁴ sobre agências de encontros do Rio de Janeiro fala sobre os novos “arranjos conjugais” – termo cunhado por Eunice Durham que define as diferentes formas de relação conjugal na modernidade – e pode ser útil para compreendermos as mudanças de atitudes nas camadas médias urbanas das sociedades modernas. De acordo com Vieira, o aumento do interesse pelas agências de encontros se deu na segunda metade da década de 1990. Porém, este gênero de agências já existia desde a década de 1950. Não podemos esquecer que no decorrer da história da humanidade, sempre existiu a figura dos “casamenteiros” que seriam aquelas pessoas com certa aptidão em formar casais. Na religião católica esse existe na figura de Santo Antônio um personagem que é o ápice deste tipo de união entre duas pessoas. Com a modernidade, as novas tecnologias, maior jornada de trabalho, inserção da mulher no trabalho extradoméstico, além das novas conjugalidades, os novos “arranjos conjugais” foram se formando e um elemento que apareceu como fruto de muitos dos relacionamentos atuais foi a presença do cão como um membro da família.

¹⁴ VIEIRA, Érika Souza. "Amor sob encomenda: Um estudo antropológico sobre as agências de encontros". In.: GOLDENBERG, Mirian. (org) *Novos Desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Segundo a autora, as principais dificuldades modernas em constituir uma família seriam os relacionamentos pouco duradouros, cada vez mais comuns, que com o tempo foram se legitimando através de mecanismos legais. Devido a esta instabilidade dos casamentos, o número de nascimentos de crianças na classe média diminuiu, aparecendo o cão como um mediador entre o casal, muitas vezes no lugar da criança. A dificuldade de relacionamento entre as pessoas faz com que o animal seja um elemento com grande potencial de proporcionar afetividade sem produzir prejuízos ou riscos.

Outros motivos para a inscrição de pessoas nessas agências seriam “as contínuas decepções com os falsos amigos, a diminuição do círculo de amizades devido a eventuais afastamentos de amigos que encontram parceiro, dificuldades em travar amizades sinceras no ambiente competitivo de trabalho das grandes cidades, o que leva ao isolamento social. A falta de tempo, a praticidade, o medo da solidão, a vontade de encontrar um companheiro e casar, constituir família, também são apontados como motivos para a inscrição”. (Vieira, 2000: 142) Quase todas estas características – com exceção da idéia de casamento – podem ser substituídas por uma pessoa que busca no cão (mesmo que de forma inconsciente) uma fonte de afetividade para suprir carências psicossociais e a possível solidão recorrente do mundo moderno.

Festa boa para cachorro

*Ninguém pode se queixar
da falta de um amigo, podendo ter um cão.*
Marquês de Maricá

As festas são, portanto, o lugar por excelência das relações sociais. Nesses encontros de festa temática para animais ou mero encontro de proprietários de cães de determinada raça, mais do que privilegiar um entretenimento para o cão, constituem local e momento significativos de relações entre as pessoas. O mais emblemático desses momentos festivos foi o aniversário de um ano de uma cadela que pude observar no Parcão. Geralmente esses contatos ocorrem, num primeiro plano, no universo virtual onde a realidade pode se materializar de forma simbólica. Numa rede de relacionamentos virtual – Orkut – existe um expressivo número de cães-pessoas, onde

os próprios animais poderiam se comunicar através do imaginário coletivo dos seus proprietários. Para conseguir fazer contato com um grupo de pessoas que se relaciona como se fossem seus próprios cães, senti a necessidade de criar um perfil para o meu cão neste *site* de relacionamentos a fim de que “ele” pudesse fazer amigos. Através do contato proporcionado pela Internet consegui iniciar o convívio junto a um grupo que se constitui pelo símbolo de uma determinada raça canina (Yorkshire Terrier). Eles promovem encontros regulares, chamados Yorkkontros, onde conversam sobre seus cães, fazem novas amizades e procurar parceiros para acasalar com seus animais. Em um desses encontros fui convidada, ou melhor, meu cão foi convidado, para ir à festa de aniversário da cadela de uma das organizadoras do evento. A festa ocorreu no Parcão da Lagoa.

As festas para cães, cada vez mais comuns hoje em dia, são bastante semelhantes às festas para crianças, o que realça a minha impressão de que os cães estão no mesmo nível das crianças para as famílias que os criam. Ao chegar no local reservado para a festa me deparei com um enorme painel colorido com o tema “as princesas”, da qual a cadela aniversariante era uma, duas mesas de bolo, sendo a principal com um bolo feito de ração canina e muitos petiscos comprados em lojas para animais. Ao lado havia um bolo confeitado com uma enorme foto da cadela que seria servido para os humanos. Havia também uma mesa com lembranças da festa que foram distribuídas aos convidados, sendo um dos itens um imã de geladeira com a foto da cadela. A festa transcorreu ao som de músicas infantis que falassem de cães ou animais. Houve brincadeiras com o animador Totó (Marco Antonio Sarnelli), onde os cães brincavam com seus donos de corrida. Ou seja, tudo exatamente como ocorre em uma festa para pessoas humanas¹⁵. Isso demonstra que assim como os humanos estão inseridos num conjunto de rituais que fazem a vida cotidiana renovar ou atualizar seu sentido, os cães-pessoas também acompanham esse calendário de festas, estando cada vez mais presentes nos espaços de convivência social, renovando os sentidos dados à natureza, à cultura e à sobrenatureza. Afinal, desta perspectiva, os animais também possuiriam cultura, pois estão inseridos num imenso universo simbólico onde podem até mesmo falar (comunicar-se) através dos perfis criados na Internet. Obviamente sabemos que não são os cães que estão usando teclado, monitor e uma rede virtual para se comunicar,

¹⁵ Não é redundância dizer “pessoa humana”, pois ficará claro ao longo deste trabalho que também existem os “cães-pessoas”. O que pretendo sugerir é a própria relativização do conceito de pessoa exclusivamente circunscrita ao universo dos seres humanos.

mas o mais interessante nessa questão é ver como esse imaginário se atualiza no mundo virtual e como as fronteiras entre humanidade e animalidade acabam por se desfazer, pois o cão pode se tornar gente, pessoa, ou humano ao estar participando de um conjunto de referências culturais que inclui até mesmo um calendário festivo. Em contrapartida, seus donos se animalizam, uma vez que passam a assumir identidades de cães para se comunicarem com outras pessoas-cães através do mundo virtual. Não é possível mais falar em humanidade e animalidade sem pensar esses conceitos a partir da perspectiva do grupo estudado. Se isso já era válido para pensar as sociedades “primitivas” também deve ser visto como válido para pensar a “nossa” sociedade.

Benção aos Animais

Não se deve cuspir nos cães, porque depois da nossa morte, na longa travessia que se fará até chegar à casa de São Miguel, onde serão julgadas as nossas almas, sentiremos uma grande sede, e neste longo percurso só encontramos a casa de São Lázaro; aí, se não tivermos cuspidos nos cães, somos servidos com água boa e fria, e ao contrário, somos acossados por dentadas implacáveis.
“Coisas que o povo diz”. Câmara Cascudo

No dia quatro de outubro a Igreja católica celebra o dia de São Francisco de Assis e simultaneamente é comemorado o Dia dos Animais. Obviamente essa data não foi escolhida à toa. Foi São Francisco de Assis quem mudou radicalmente a percepção sobre os animais na Europa. Segundo o filósofo Peter Singer¹⁶ as atitudes ocidentais para com os animais têm raízes em duas tradições: o judaísmo e a antiguidade grega. Essas raízes desembocam no cristianismo e é através dele que se tornam prevaletentes na Europa formando a matriz do pensamento ocidental. Vou me deter aqui somente na esfera do cristianismo pois mantém relação com a etnografia realizada acerca da Benção aos Animais.

O cristianismo trouxe ao mundo romano a idéia da singularidade da espécie humana, que herdou da tradição judaica. Aos seres humanos, e só a eles entre todos os seres vivos na terra, estava destinada uma vida após a morte do corpo. Certamente isso influenciou também a teoria antropológica quando esta estava imersa na concepção da existência de uma oposição radical entre natureza e cultura. Os pensadores católicos

¹⁶ Singer, Peter. *Libertação Animal*. Porto Alegre, São Paulo: Lugano, 2004.

mais influentes – Santo Agostinho e São Tomás de Aquino – não viam qualquer motivo para tratar os animais de forma diferenciada pois somente os seres humanos haviam sido feitos à imagem e semelhança de Deus. Com São Francisco de Assis essa perspectiva muda, pois ele passa a tratar todos os seres e fenômenos naturais como irmãos e possuindo um estatuto semelhante ao do humano. Com isso, São Francisco ficou conhecido como o protetor dos animais e da natureza e no dia do seu sepultamento comemora-se o dia dos animais. É comum encontrar na sede das instituições protetoras de animais assim como em algumas *Pet Shops* (lojas que comercializam artigos para animais de estimação, conhecidos como *pets*) a imagem do santo. Todo ano, no dia quatro de outubro, a Igreja Católica realiza uma missa de Benção aos Animais.

A mais tradicional Benção aos Animais da cidade do Rio de Janeiro ocorre na Praça Nossa Senhora da Paz (que se localiza ao lado de uma capela de mesmo nome), em Ipanema, na qual o padre faz uma missa a céu aberto para abençoar todos os animais que lá estiverem. Na comemoração de 2007 pude observar que grande parte das pessoas presentes estava com seus cães e esperava o momento em que o padre jogaria água benta para abençoá-los. O dia estava ensolarado e bastante quente o que deixava os animais bastante irritados e inquietos. Mas todos ficaram até o fim das orações para receber as bênçãos ou agradecer as graças alcançadas. Algumas pessoas que tinham animais doentes levaram somente suas fotos para que a intenção em conseguir a benção fosse alcançada. Um casal que estava ao meu lado com um pequeno cãozinho no colo, disseram-me tê-lo levado à praça naquela manhã, pois há poucos dias ele tinha estado muito doente. Devido a fé no santo padroeiro dos animais, eles afirmaram que o cão havia sido curado e que por isso estavam ali para agradecer.

Funcionários do Zoológico do Rio de Janeiro também estiveram no local com filhotes de mico, tamanduá e uma cobra que causou bastante alvoroço. Eles disseram que todo ano o Zoológico envia alguns animais para representarem a instituição e levarem, em seu retorno, a benção que os outros animais não puderam receber. A prefeitura também estava presente na figura de veterinários que realizaram uma feira de adoção de cães e gatos com o intuito de diminuir o número de animais de rua. Quem coordenou a festa dos animais foi o personagem “Totó” que estava devidamente paramentado com suas vestes caninas e ajudava os padres a organizar a fila para receber as bênçãos. Muitas pessoas levaram garrafas para encher de água benta para os animais que não puderam participar da festa.

O que pude perceber em minhas entrevistas informais é que as pessoas que estavam ali presentes possuíam animais que já tinham passado por algum problema de saúde e buscavam ali agradecer ou encontrar algum tipo de conforto espiritual. Uma moça que estava com uma cadela com uma enorme cicatriz no rosto disse-me tê-la recolhido de um abrigo em Itaipava e que a cadela havia passado por uma cirurgia para a retirada de um tumor. Em eventos como esse é possível destacar que os animais passam de deuses (cosmologias orientais) ou seres inferiores a fiéis que freqüentam às missas e recebem bênçãos dos párocos católicos como se pessoas fossem, pois têm até mesmo dia e local privilegiado para receber graças divinas.

Não só a Igreja católica contribuiu para esse olhar, mas também o espiritismo kardecista influenciou decisivamente para perceber os animais como pessoas. Nesta cosmologia religiosa os animais têm alma e compartilham com os humanos o mundo extra-mundano, da sobrenatureza, ou seja, o plano espiritual. Em livros de doutrina espírita sobre animais podemos compreender um pouco sobre o pensamento dos adeptos dessa religião, o que poderia ser visto também como um modo de perceber os animais de um modo geral em nossa sociedade devido ao sincretismo religioso que acaba por formular o imaginário cultural do senso comum. Em um trecho do livro de Benedeti¹⁷ podemos ler o seguinte: “Animais também têm espírito. Quando morremos, nosso espírito se liberta definitivamente e deixamos para trás nosso invólucro do corpo e nos atiramos em outra dimensão: a espiritual, onde não mais precisamos daquele corpo que nos serviu enquanto vivíamos na Terra. Assim, temos nosso espírito livre. (...) Os animais são como nós: quando morrem, também são encaminhados para a dimensão espiritual e são acolhidos por equipes que os tratam e os alimentam. (...) Os animais são agrupados por afinidade, senão haveria um reboiço quando um cão, por exemplo, se encontra com um gato. Eles mal distinguem as duas dimensões. Para eles estarem aqui ou lá é a mesma coisa. Por isso, um cão que deteste gatos, ao se deparar com um deles lá, o atacaria e o outro tentaria defender-se, usando seus instintos que estão impressos no seu corpo espiritual. Se tivéssemos uma boa vidência, notaríamos, talvez, a presença de espíritos de animais à nossa volta, pois eles transitam facilmente ente as duas dimensões sem distinguí-las. E outra coisa interessante de salientar: a vidência dos animais. Eles são naturalmente videntes. Eles vêem espíritos de seres humanos, por exemplo, que nós mesmos vemos com dificuldade, sem distinguir praticamente em que

¹⁷ Benedeti, Marcel. *Todos os animais merecem o céu*. São Paulo: Mundo Maior, 2004.

dimensão estão vendo. Tanto vêm a nós quanto aos espíritos que estão em outras dimensões”. (Benedeti, 2004: 42-3) Podemos perceber assim que natureza e cultura só podem ser pensadas a partir da relação com um terceiro termo que é o da sobrenatureza.

Quando digo que a crença na alma dos animais extrapola as fronteiras de uma única religião e ganha relevo no senso comum é porque crenças como essas do catolicismo e do espiritismo atingem as mais diferentes esferas da vida cotidiana. Um outro relato interessante é o de uma amiga de minha mãe, que é umbandista, que disse que seu cão tinha sido adquirido por causa do pedido de uma entidade – guia espiritual que ela incorporava em datas especiais, como no dia de São Cosme e Damião, por exemplo. Sempre que ocorre a festividade em homenagem aos santos católicos, no dia 27 de setembro, ela prepara uma enorme mesa de doces, que é oferecida à entidade e às crianças para quem, depois do ritual, são distribuídos os doces. Algumas vezes participei do evento em sua casa, onde “Miller”, o cão da família, estava sempre presente. De fato, ele parecia bastante excitado e agitado quando sua dona incorporava a entidade, que, segundo ela, era o “verdadeiro dono do cão”. Ao incorporar a entidade, ela dava muitos doces para o cão e questionava os demais membros da família se estavam cuidando bem dele. Obviamente o cão não respondia, mas de certa forma parecia prestar atenção no que aquela figura estava lhe dizendo como se estivesse se comunicando em uma linguagem incompreensível para nós. Ao perguntar porque um cão e não outro animal tinha sido ofertado a sua entidade espiritual ela respondeu que o cão é o ser mais próximo do homem que existe na natureza e que devido à sua “pureza espiritual” era perfeito para fazê-la se lembrar das suas “obrigações” para com a entidade diariamente. O cão também era percebido por ela como uma forma de amuleto contra os espíritos que poderiam querer lhe fazer mal, pois seria a forma encarnada de um dos seus “guias espirituais”, já que ela incorporava mais de um.

Se olharmos para a História, perceberemos que os primeiros animais a serem domesticados foram os cães. Seus ancestrais, os lobos, caçavam em bandos, tais como os homens, e desde um estágio muito primitivo foram usados tanto para caçar quanto para proteger povoados. Sua domesticação antecede o desenvolvimento da agricultura.

Tradicionalmente acreditava-se que a primeira domesticação dos lobos ocorreu entre 10 mil e 20 mil anos. Segundo Sheldrake¹⁸, indícios recentes, obtidos através do estudo do DNA de cães e lobos, indicam uma data anterior para a primeira

¹⁸ Sheldrake, Rupert. *Cães que sabem quando seus donos estão chegando*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

transformação do lobo em cão: mais de 100 mil anos. Essas novas provas também sugerem que os lobos foram domesticados diversas vezes e não apenas uma, e que os cães continuaram a cruzar com lobos selvagens nesse processo de transformação (Sheldrake, 2001).

De acordo com Sheldrake, nosso companheirismo com os cães seria, portanto, tão antigo que pode ter tido um papel importante na evolução humana. Sua hipótese é a de que os cães podem ter tido grande responsabilidade nos avanços das técnicas de caça, ocorridas de 70 mil a 90 mil anos. Ele sugere ainda que não foram as pessoas que domesticaram os cães e sim os cães que domesticaram as pessoas, mais uma vez colocando-os na condição de agentes. Pois, de acordo com suas pesquisas, os lobos começaram a viver na periferia dos povoados. Alguns aprenderam a viver junto dos seres humanos de uma forma mutuamente útil e, aos poucos, foram transformando-se em cães tal como os concebemos hoje. O surgimento das diferentes raças de cães se deu através do acasalamento, na maioria das vezes induzido pelos homens, de diferentes cães visando alcançar alguma função necessária ao convívio de um grupamento humano. Em um primeiro momento, os cães tinham por única função servirem aos homens. A concepção do animal como um "membro da família" ou um ser que pretende fazer companhia às pessoas é bastante recente. Sheldrake diz ainda que a domesticação dos cães antecede, em muito, à de outros animais. Na realidade, os cães podem ter sido fundamentais também na domesticação de outras espécies, tanto por sua habilidade de arrebatar animais, como ovelhas, quanto na proteção dos mesmos contra predadores, assim como na proteção das pessoas contra possíveis inimigos (ou desconhecidos) que se aproximassem do grupo. Assim, os cães são mediadores não só entre as pessoas, como entre pessoas e animais e entre pessoas e seres espirituais.

Algumas raças de cães são muito antigas. No Egito antigo, já havia diversas raças distintas de cães. Estes animais eram venerados nesta região. Alguns eram até mesmo embalsamados e, em todas as cidades, havia um cemitério inteiramente dedicado ao enterro dos cães. O deus dos mortos era Anúbis, simbolizado por um homem com sua cabeça de cão ou de chacal. A ligação que os cães proporcionam aos homens entre o mundo natural e o sobrenatural tem origem em populações muito antigas sendo compartilhada ainda nos dias de hoje como podemos observar em relatos como os mencionados acima.

Sexualidade

*Os animais dividem conosco
o privilégio de terem uma alma.*

Pitágoras

Essa relação de proximidade entre cães e humanos permite refletir também sobre o imaginário da sexualidade humana. Não há maneira mais próxima de relacionar dois entes do que ligá-los por conexões baseadas na sexualidade. A castração (retirada dos órgãos reprodutivos dos animais – dos machos são retirados os testículos e das fêmeas, útero e ovários), por exemplo, é um ato bastante defendido pelos criadores, porém não tem ampla aceitação entre os novos proprietários (pessoas que compram os cães nos canis). Segundo aqueles, se um animal está sendo adquirido apenas para a companhia de uma pessoa ou de uma família, a atitude "correta" a ser tomada seria a castração antes do primeiro ciclo reprodutivo do animal (que ocorre em torno dos seis meses de idade dos cães) a fim de evitar doenças e os incômodos que um cio provoca, pois o animal deve ficar isolado do contato com outros cães do sexo oposto, se não há o intuito de procriação. Porém, essa postura é bastante contestada, principalmente se o cão em questão for um macho. Comumente a castração é realizada muito mais em cadelas do que nos machos. Talvez esse fato reflita a postura adotada também pelas pessoas na nossa sociedade onde os casos de vasectomia são muito menores do que o número de laqueaduras realizadas pelas mulheres. Se nesse contexto cultural os cães são “extensões dos homens”, a castração dos cães machos é um tema considerado tabu entre os proprietários.

A castração é um ponto importante a ser destacado, pois segundo Leach¹⁹, os animais de fazenda, que teriam um nível intermediário de proximidade com o homem, só estariam habilitados à comestibilidade se castrados. O cão, segundo o autor, estaria no nível do eu, podendo algumas vezes ser confundido com a própria noção de homem. Daí a interdição de sua comestibilidade. Assim como na sociedade inglesa, na brasileira, o cão também é visto como um ser muito próximo aos humanos, muitas vezes deslocado, sem sabermos de que lado da fronteira humano/ animal está. Segundo

¹⁹ LEACH, Edmund. “Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insultos verbais”. In: DA MATTA, Roberto. *Edmund Leach : Antropologia*. São Paulo: Ática, 1983.

Descola²⁰, “as manifestações de simpatia pelos animais são ordenadas em uma escala de valor – geralmente inconsciente – cujo ápice é ocupado pelas espécies percebidas como as mais próximas do homem em função de seu comportamento, fisiologia, faculdades cognitivas ou da capacidade que lhes é atribuída de sentir emoções. Naturalmente os mamíferos são os mais bem aquinhoados nessa hierarquia do interesse, e isso independentemente do meio onde vivem”. (Descola, 1998: 23)

Para Leach, “o fato de que aves e mamíferos têm sangue quente e se engajam em relações sexuais ‘normais’, faz com que sejam até certo ponto aparentados do homem”. (Leach, 1983: 182) O autor justifica essa afirmativa dizendo que o conceito de “crueldade” seria aplicável a aves e mamíferos, mas não aos peixes. Este fato pode ser percebido com o crescente número de organizações não-governamentais que se destinam a trabalhar contra os maus-tratos dos animais, seja em circos, rodeios, experiências na indústria química e de cosmética, ou atos de vivissecção (mutilação em animais ainda vivos).

Um ponto fundamental mas que não irei aprofundar é essa relação que é feita com a sexualidade humana quando se pensa as necessidades sexuais e/ ou de procriação dos animais de estimação. Parece ocorrer uma relação “antropomórfica” quando os proprietários dizem, por exemplo, que seu cão está agressivo pelo fato de nunca ter tido uma experiência sexual. A frase mais comum sobre esse assunto é que a “virgindade” do animal estaria “subindo para a cabeça”, sendo que estudos na área de comportamento animal dizem que os animais só mantêm relações sexuais com a função de perpetuar a espécie e não por prazer, como ocorre entre os homens. O que percebi, portanto, é que sempre parece existir uma tentativa de compreender o universo do cão sob a nossa ótica social, ou seja, atribuindo-se aos animais categorias e comportamentos humanos, porque eles seriam realmente vistos como gente.

Desse modo, podemos concluir que o simples fato de se reconhecer dentro da categoria taxionômica *Homo sapiens* não confere automaticamente qualidades de pessoa. Humanidade e animalidade devem ser vistas como “estados do ser”²¹, e por isso como fronteiras fluidas, mutáveis (Ingold, 1995). Somente a partir desta perspectiva é possível falar de uma humanidade animal e não somente de uma animalidade humana.

²⁰ DESCOLA, Philippe. “Estrutura ou sentimento: A relação com o animal na Amazônia”. In: *Mana*.1998. n.4 (1)

²¹ INGOLD, Tim. “Humanidade e animalidade”. In.: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Junho, 1995. n. 28.